

### **TOTEM E TABU (1912-1913)**

Ana Carolina Froes Reis (Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense – UFF-Niterói. Atualmente é bolsista de Iniciação Científica pelo CNPq (PIBIC-CNPq), sob orientação da Profa. Flavia Lana Garcia de Oliveira. A produção deste texto faz parte desta atividade de pesquisa).

O objetivo deste texto é abordar a importância do pai morto tanto para a formação do indivíduo como para toda uma sociedade. Para isso, foi utilizado como base o texto freudiano *Totem e Tabu (1912-1913)* com o devido recorte de partes específicas relacionadas com o tema proposto e partes de outros textos de Freud. Antes de iniciar o tema, é necessário introduzir alguns conceitos como o de totem e o de tabu. Totem, de acordo com Freud (1912-1913) na Parte I de *Totem e Tabu*, é geralmente um animal que pode ser comestível e inofensivo ou perigoso e temido. Ele tem relação com todo o clã – aqui Freud se refere aos aborígenes da Austrália – e não pode ser devorado, nem morto. No entanto, há uma exceção. Em algumas cerimônias solenes, é permitido comer o animal totêmico em grupo. Com essa ação, o clã se identifica com o seu totem, absorvendo a vida sagrada que provém da substância dele. Fora desses cerimoniais, há um outro modo de identificação ao animal. Trata-se de tentar se assemelhar a ele de várias formas, na aparência, vestindo-se pele do animal ou gesticulando como o animal, por exemplo. É uma identificação em atos e palavras. O totem é definido também como "o espírito protetor e auxiliar que envia oráculos, e, mesmo quando é perigoso para os outros, conhece e poupa os seus filhos" (FREUD, [1912-1913], p. 19-20). É o fundamento de todas as obrigações sociais, sendo mais importante que o pertencimento à tribo e ao parentesco sanguíneo. É nesse ponto que a instituição da exogamia se liga ao totem. Há uma substituição de um parentesco sanguíneo por um totêmico. Isso fica mais nítido quando Freud exemplifica com um homem que é do totem Canguru se casa com uma mulher do totem Emu, e ambos tem filhos dessa união. Os filhos desse casal pertencerão ao totem da mãe, o Emu, o que resultará na proibição ao filho homem de casar com sua mãe ou com suas irmãs. Mas a proibição não se restringe a sua mãe e a sua irmã. Já que o que importa é o totem, fica vedada a união sexual com todas as mulheres do totem da mãe, sendo necessário procurar em outros totens permitidos.

Na Parte II de *Totem e Tabu*, o tabu é definido pela oposição consagrado/santo e impuro/ inquietante/perigoso/proibido. Ele prescinde de qualquer fundamentação. Segundo Wundt (1906, apud FREUD, [1912-1913], p. 43), o tabu "é o mais antigo código de leis não escritas na humanidade". O tabu pode ser, portanto, um objeto (coisa) e até pessoas. Tem o caráter de ser contagioso, já que certas coisas ou pessoas – reis, sacerdotes, recém-nascidos

– são detentoras de uma força perigosa que é transmissível pelo contato, como se fosse demoníaco. Poder demoníaco esse que estaria oculto no objeto ou na pessoa e, sobre aquele que tiver contato, recairá a vingança do demônio e se tornará também tabu. Como última característica descrita do tabu, tem-se a de dele se originar ações cerimoniais. São, na verdade, preceitos advindos das proibições, como um modo de renunciar a alguma liberdade desejada que não é permitida, se purificando.

Nesse sentido, o pai é o totem e o tabu. Aquele que une através da identificação dos filhos com o animal do totem no banquete totêmico e também aquele que é consagrado – separado – e que tem o seu lugar reservado através de proibições e restrições. Ou seja, o pai é o responsável pela castração ao determinar o seu lugar. Essa castração é a envolvida nos Complexos de Édipo e de castração, que demarca o lugar geracional que o filho pertence com a introdução do pai na cena, realizada pela mãe. Essa entrada do pai ressalta que o filho não é tudo na vida dela e não possui o falo, ou seja, não a preenche. Há um outro na vida dela, o pai, e o filho poderá ter, no futuro, com outra mulher o seu lugar também (FREUD, 1940). Desses processos ocorre a identificação, que foi mencionada acima. Ela é por vias psíquicas, efetuando-se com a dissolução do complexo de Édipo. Ao aceitar que não preenche sua mãe, torna-se necessário abandonar os objetos de amor anteriores, mãe e pai. Com esse abandono, há uma identificação às figuras parentais com a introjeção delas, no supereu, instância psíquica que é herdeira do complexo Édipo (FREUD, 1923). Quanto às proibições e restrições citadas acima, a sua violação, assim como no tabu, tem grandes consequências. Se certas violações já possuem consequências graves, quanto mais será a violação que é referente ao pai e ao lugar que é reservado para ele. E, nesse caso, é importante considerar o seu caráter contagioso. Segundo Freud, "Sempre permanecerá comum ao sagrado e ao impuro: o temor de seu contato" (FREUD, [1912-1913], p. 52). E o pai guarda os dois sentidos. Matá-lo significa tornar-se impuro e que a vingança - do demônio - recairá sobre si.

O pai da horda primeva de Charles Darwin não poupa os seus filhos. Ao invés disso, comporta-se como os macacos superiores. Ele é violento e ciumento e, em consequência disso, expulsa os filhos quando crescem para ser o único macho com a posse de suas mulheres. Em seguida, eis o que ocorre:

“Recorrendo à cerimônia da refeição totêmica, podemos dar uma resposta. Certo dia, 189 os irmãos expulsos se juntaram, abateram e devoraram o pai, assim terminando com a horda primeva. Unidos, ousaram fazer o que não seria possível individualmente” (FREUD, [1912-1913], p. 216).

O ato de devorar o pai os identifica a ele, assim como, na refeição totêmica, há essa identificação ao animal totêmico. Entretanto, as consequências desse estatuto do pai enquanto morto são bem difíceis de suportar. Os povos antigos instituíram diversos preceitos ligados aos mortos de acordo com a sua crença, demonstrando o tabu dos mortos. Freud explicita que eles crêem firmemente que quem viola os preceitos de um morto adoece gravemente ou morre. Preceitos como evitar pronunciar o nome do morto,

recorrendo até a renomeação dele. Isso se estende ao nome do animal totêmico se coincidir e até ao dos parentes do morto. Chamar o nome do morto é o mesmo que invocá-lo. Eles temem o retorno do espírito do morto - medo dos demônios. A fim de evitar esse retorno realizam essas cerimônias. Se isso ocorre com os mortos, quem dirá com o pai que é morto pelas mãos dos próprios filhos. Como consequência dessa condição do pai enquanto morto, ocorreu a criação da cultura e de uma série de proibições – tabu – dentro dela para evitar que o parricídio ocorra novamente, pois "O morto tornou-se mais forte do que havia sido vivo" (FREUD, [1912-1914], p. 219)

Ainda em totem e tabu, Freud, partindo da horda primeva de Charles Darwin e dos acontecimentos sucessivos, investiga sobre os neuróticos obsessivos e seu adoecimento. A investigação psicanalítica desses casos demonstra que as recriminações obsessivas têm sua justificativa no desejo inconsciente de ter provocado a morte da pessoa amada. Freud, quando expõe sobre os doentes obsessivos, -- ou como ele diz que poderiam chamar "doença do tabu" – enuncia que eles criam para si as proibições de tabu e as seguem assim como os selvagens obedecem às suas em sua tribo. As proibições dos neuróticos obsessivos aparecem "num belo dia" e devem ser observadas devido a um medo invencível. Eles têm uma certeza interna de que alguma desgraça ocorrerá se transgredir a proibição, podendo se estender a alguma outra pessoa de seu círculo o prejuízo.

Outra semelhança do tabu com a neurose obsessiva é a interdição principal e nuclear da neurose: o contato, "medo do toque". Seja esse contato físico ou de pensamento, deve ser evitado. Assim como o tabu pode passar de um objeto para outro, as proibições obsessivas também se deslocam de objeto a objeto, tornando-o impossível de ser acessado. Essa impossibilidade pode atingir o mundo inteiro num dado momento. Freud relaciona esse medo do toque com a proibição na infância de tocar nos genitais. Há o "instinto" de tocar e a proibição do toque, para a boa existência dessa oposição opera o recalque, o qual proporciona o esquecimento do motivo da proibição. Por sua vez, a proibição se torna consciente se deslocando de objeto a objeto. Isso torna necessário os atos expiatórios/as ações cerimoniais que assim como no tabu servem como uma renúncia a alguma liberdade que é na verdade desejada. Por isso a obediência aos preceitos do tabu e em paralelo a obediência às proibições obsessivas.

Com o objetivo de deixar mais clara a relação do totem e do tabu com a neurose obsessiva e partindo de Freud que diz "Por isso chegamos a ver a relação com os pais, dominada por anseios incestuosos, como o complexo nuclear da neurose" (FREUD, [1912-1914], p. 41), seguem abaixo exemplos de uma experiência do próprio Freud e de um caso clínico atendido por ele.

Em *Um distúrbio de memória na acrópole*, de 1936, Freud relata que ao viajar com seu irmão para Atenas lhe adveio o pensamento de que tudo aquilo de fato existia, assim como aprendeu na escola. Segundo o mesmo, era como se fossem duas pessoas dentro dele. Uma que fez o comentário, que duvidava da existência real de Atenas e outra que percebia o comentário e estava surpresa por possuir dúvidas quanto a existência de Atenas do modo que aprendeu anteriormente. Em seguida, Freud discorre sobre os que "fracassam

no triunfo", justificando esse fracasso com o sentimento de culpa, que é definido como uma materialização do rigoroso Supereu. O Supereu é a sedimentação da instância punitiva de nossa infância. Ele utiliza esse mesmo sentimento de culpa para explicar essas "duas pessoas dentro dele". Freud e o irmão chegaram muito longe, à Atenas, onde o pai deles, um comerciante sem educação ginasial, não sonharia em chegar. Isso demonstra uma superação ao próprio pai, o que pode ser atormentador já que está em jogo a atualização do Édipo e os impulsos parricidas. Superar o pai é como se tivesse o assassinado, por esse motivo o sentimento de culpa que retorna como sentimento de pena, "impulso de piedade" segundo Freud. Pena ao invés de triunfo.

Já na *Conferência Introdutória à Psicanálise 17. O Sentido dos sintomas*, Freud (1917) relata e interpreta o caso de uma moça muito envolvida na relação dos pais e o cerimonial que a mesma desenvolve em decorrência disso, como dito a seguir:

“Uma moça de dezenove anos, bem constituída e inteligente, filha única de pais que ela supera em cultura e vivacidade intelectual, foi uma criança travessa e petulante, tendo se transformado no curso de anos mais recentes, sem nenhuma interferência externa visível, em uma doente dos nervos. Bastante suscetível a se irritar com a mãe, está sempre insatisfeita, deprimida, tende à indecisão e à dúvida e, por fim, confessa já não ser capaz de ir sozinha a praças e ruas maiores” (FREUD, 1917, p. 287).

Ela desenvolveu um cerimonial antes de dormir que além dela, gera também sofrimento aos seus pais (FREUD, 1917). Ele consiste nela dizendo que precisa de silêncio para dormir, então:

“Interrompe o funcionamento do grande relógio que tem em seu quarto, retira todos os demais relógios, não suportando nem mesmo seu minúsculo relógio de pulso sobre o criado-mudo; reúne sobre a escrivaninha vasos com flores e vasos em geral, de maneira que não possam cair e se quebrar durante a noite, perturbando-lhe o sono... a porta que separa seu quarto do quarto dos pais permaneça semiaberta, do que ela se assegura inserindo objetos diversos no vão da referida porta... O travesseiro maior não pode tocar a madeira do espaldar da cama; o menor, sobre o qual ela pousa a cabeça, precisa ser disposto sobre o maior de modo a formar um losango; então ela deita a cabeça, exatamente sobre a diagonal maior do losango. O edredom de penas (a que chamamos Duchent na Áustria) precisa ser sacudido de forma a ficar bem alto nos pés, uma elevação que, depois, ela jamais deixa de afofar para melhor distribuí-la” (FREUD, 1917, p. 288).

Freud (1917) explica esse cerimonial da seguinte forma: que o pulsar do relógio tem relação com o pulsar do clitóris feminino, os vasos não quebrarem seria o repúdio ao sangrar e ao não sangrar na noite de núpcias. O travesseiro era uma mulher e a cabeceira ereta de

madeira era um homem, ou seja, seus pais. O fato de não se encostarem significaria não terem relação sexual, o que vai de encontro com o manter a porta aberta no seu cerimonial, evitando o ato conjugal. O travesseiro menor formar um losango com o maior significava o órgão genital feminino aberto e ela, portanto, "representava o papel do homem, do pai, com sua cabeça a substituir o membro masculino" (FREUD, 1917, p. 292). Logo, é possível observar que ela mesma se fazia de pai, cometendo o parricídio na fantasia na forma neurótica. Como visto acima, isso gera um sentimento de culpa o qual pode resultar no cerimonial.

Pode-se concluir, portanto, que o pai morto tem uma imensa importância e força. Tanto primitivamente com a consequência da criação da cultura com seus totens e tabus, como também no íntimo de cada neurótico com o desejo inconsciente da morte do pai e as suas implicações psíquicas e por vezes, externas.

## **BIBLIOGRAFIA**

FREUD, S. Conferência 17. O Sentido dos sintomas. In: FREUD, Sigmund. *Conferências introdutórias à Psicanálise*. Tradução: Sergio Tellaroli. São Paulo: Companhia das letras, 2014, v. 13, p. 287- 292.

FREUD, S., (1856-1939). *Compêndio de Psicanálise*. In: *Compêndio de Psicanálise e outros escritos inacabados*. Tradução: Pedro Heliodoro Tavares. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014, p. 147-171 (Obras Incompletas de Sigmund Freud; 3)

FREUD, S. O Eu e o Id. In: FREUD, Sigmund. *O Eu e o id, "autobiografia" e outros textos*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2011, v. 16, p. 9-42

FREUD, S. Totem e tabu. In: FREUD, Sigmund. *Totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2012, v.11, p. 18- 223.

FREUD, S. Um distúrbio de memória na acrópole. In: FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à Psicanálise e outros textos*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2010, v. 18, p. 437-449.

